

EXPOSIÇÃO DE MOTIVOS PARA O OFERECIMENTO DE UMA DISCIPLINA ESPECÍFICA EM METODOLOGIA DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

ALMEIDA, LORIZA LACERDA (UNESP); ARAÚJO, MARIA AMÉLIA MÁXIMO (UNESP).

Eixo temático: Formação de professores para o ensino superior.

INTRODUÇÃO

A extensão universitária, que se caracteriza pela diversidade conceitual e prática, interfere no “pensar” e no “fazer” da Universidade. Desta forma o conceito de extensão universitária, ao longo da história das universidades brasileiras, passou por várias matizes e diretrizes conceituais. Segundo Serrano, “da extensão cursos, à extensão serviço, à extensão assistencial, à extensão “redentora da função social da Universidade”, à extensão como mão dupla entre universidade e sociedade, à extensão cidadã, podemos identificar uma resignificação da extensão”.

Mais recentemente, a extensão universitária está em uma fase importante para sua consolidação, entretanto as práticas institucionais estão em processo de revisão por meio do próprio fazer extensionista e das normatizações universitárias, que necessitam aprimorar suas relações no campo acadêmico e social, articulando os saberes entre a universidade e a sociedade. Este é um desafio face à multiplicidade das formas de fazer extensão implementadas na universidade. Não se trata obviamente de homogeneizar todos os procedimentos, mas é necessário criar arcabouços mínimos, para que as ações extensionistas sejam reconhecidas e sistematizadas como tal. Certamente construir uma extensão voltada a um processo transformador e emancipatório, que respeite as especificidades dos grupos sociais e que permita a vascularidade do pensamento acadêmico, posto a serviço da sociedade, em um processo diálogo franco e democrático. Para tanto as universidades estão desenvolvendo suas experiências e tentativas de garantir, tanto quanto possível, a maturidade da extensão universitária. A Unesp particularmente têm se esforçado nesta direção e, neste momento, desenvolve uma ação nesta perspectiva, para melhor qualificar sua extensão universitária propõe desenvolver uma disciplina específica, voltada à natureza da extensão e que seja incorporada à grade curricular.

Segundo Santos (2008), a extensão desenvolverá um importante papel no futuro, à medida em que “o capitalismo global pretende funcionalizar a universidade e, de facto, transformá-la numa vasta agência de extensão ao seu serviço, a reforma da universidade deve conferir uma nova centralidade às actividades de extensão (com implicações no curriculum e nas carreiras dos docentes)” para poder fazer frente ao

modelo que aí está e oferecê-las como alternativa ao capitalismo global. Às universidades caberá uma “uma participação activa na construção da coesão social, no aprofundamento da democracia, na luta contra a exclusão social e a degradação ambiental, na defesa da diversidade cultural”.

O TRIPÉ

A articulação entre ensino, pesquisa e extensão, nas universidades brasileiras, constitui-se em um tripé, nem sempre bem configurado, dado que há dificuldades estruturais para que aconteça de forma inequívoca. Isto se dá especialmente porque a pesquisa é tradicional e historicamente entendida como o local da produção de conhecimento científico, o ensino se volta a sua disseminação e à extensão cabe a tarefa de estender estes conhecimentos novos e os já incorporados aos diferentes segmentos sociais, especialmente os externos à academia. Entretanto, mais recentemente as universidades vêm se ocupando de refletir sobre estratégias para estabelecer a articulação verdadeira entre estas dimensões.

A tese da articulação apenas se sustenta se pensarmos em uma perspectiva teórico-metodológica de caráter sóciocrítico, ou seja, as diferentes dimensões são interdependentes e necessariamente se completam, formando um todo. Se a visão que sustenta a universidade se funda em outra perspectiva, muito dificilmente as estruturas se cruzam e, portanto, não se percebem como unidades correlacionadas, atuando como entidades autônomas.

Na perspectiva sócio-histórica, a visão que se estabelece é de outra natureza. Primeiramente se compreende que o todo não é a simples somatória ou sobreposição das partes. No caso das dimensões da universidade, não é suficiente agregar a pesquisa, o ensino e a extensão linearmente, como se fosse uma lista de tarefas a cumprir, nas quais os docentes recebem mais ou menos reconhecimento quando realizam uma ou outra atividade. Atualmente o entendimento se dá nesta conformidade, o trabalho que é mais reconhecido e estabelecido estruturalmente é feito com maior severidade, e as demais tarefas se cumpre por obrigação, mas sem total empenho, uma vez que o reconhecimento não está garantido institucionalmente. Não entendemos com isto que os docentes desprestigiam a extensão, face a importância da pesquisa, mas identificamos que, dada a forma como se estrutura a avaliação e a concessão de recursos, é quase impositivo que nos voltemos àquelas atividades que permitem maior flexibilidade, eficiência, reconhecimento e inserção no mundo acadêmico, que é a finalidade precípua da atividade docente.

Ver as diferentes dimensões da universidade: ensino, pesquisa, extensão e gestão, sob uma perspectiva sócio-crítica exige perceber que suas particularidades devem

se associar às demais, formando uma totalidade. Cada uma deve ser respeitada na especificidade, ao mesmo tempo em que devem articular aquilo que é comum a todas. Assim, o docente deve realizar as suas pesquisas, que serão validadas pela comunidade científica, este conteúdo será ministrado em salas de aula (em algum momento da trajetória do docente) e a comunidade não científica utilizará estes conhecimentos que, somados com os seus, constituirá o SABER. Particularmente na utilização destes saberes pela comunidade é que identificamos a extensão universitária, pois esta dimensão busca visa promover diálogos com a sociedade, para reelaborar e produzir de forma compartilhada o conhecimento sobre a realidade social, produzindo alternativas de resolução e encaminhamento das questões que afetam os diferentes grupos sociais.

CARACTERIZANDO A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

A extensão é um conjunto de atividades bem organizado: educação continuada, implantação, desenvolvimento e avaliação de projetos planejados, palestras, eventos técnico científicos, eventos artísticos culturais, circuitos, prestação de serviços como assessorias, elaboração de pareceres curadoria, atendimentos diversos etc, pode oferece bolsas e outros apoios financeiros para custear as despesas de sua manutenção. A extensão pode ser um instrumento de apoio às políticas públicas, em projetos e programas sociais.

Com a flexibilização curricular, podemos incorporar as atividades de extensão na grade curricular. Mas isto ainda é pouco aplicado e é um desafio para as universidades atualmente. No que se refere aos aspectos metodológicos da extensão universitária, é necessário que sejamos exigentes em termos científicos, de forma que seu caráter científico seja explicitado. A extensão universitária não pode ser um fazer descomprometido e subjetivo em relação aos métodos e procedimentos científicos. Entretanto há necessidade de contribuirmos para superar a carência de explicitação e de amadurecimento da metodologia nos projetos de extensão.

Atualmente, no Brasil, há algumas publicações sobre o assunto e muitos projetos utilizam metodologias bem definidas e com as quais apresentam resultados valiosos além de eficazes em termos educativos e de visibilidade de suas ações, destacando pelo uso de metodologias participativas, tendo em vista que é desejável uma explícita participação direta dos interessados.

Atualmente as metodologias participativas estão legitimadas e discute-se como torná-las mais efetivas, reduzindo os riscos de seu uso inadequado, garantindo que

gere expectativas reais junto às comunidades interessadas e que produza e que produza um conhecimento válido na academia.

Os métodos participativos eram vistos como pouco científicos, militantes em demasia, incompatíveis com a objetividade dos modelos convencionais de pesquisa científica que implicitamente ficavam vinculados ao positivismo e ao espírito burocrático.

Nos anos 90, a metodologia participativa se constituía em um elemento novo na universidade e apoiava os movimentos de democratização da sociedade. Nos anos 2000 os projetos de extensão se vinculam a políticas públicas abrangentes destinadas a populações necessitadas. As exigências da metodologia se fazem mais necessárias de modo a não se limitar a discursos e intenções. Assim, é preciso fortalecer o planejamento, a gestão e a avaliação para melhorar a efetividade dos procedimentos e os impactos sociais da extensão, porém sem engessar as práticas em burocratização excessiva. Nesta perspectiva, a UNESP, preocupada com a formação de seus docentes e com o rigor científico de suas práticas extensionistas propõe a incorporação de atividades de extensão na grade curricular, por meio do oferecimento de uma disciplina específica, de formação temática, com o título Fundamentos e Metodologia de Extensão Universitária. A formulação desta proposta surge da premência que o assunto tem, na atual fase de desenvolvimento da extensão universitária na Unesp, em que os saberes incorporados às práticas acadêmicas necessitam de sistematização, aprofundamento e caracterização científica, de modo organizar os procedimentos da extensão, que geram importantes impactos sociais. A ponta de lança da proposta se deu com o coletivo de vicediretores, que reunidos em torno da extensão e estimulados pela Pró-reitoria de Extensão Universitária, apresentaram uma minuta de disciplina, a ser ministrada nas Unidades Universitárias, incorporada à grade curricular, de forma que sua oficialização se dê estruturalmente.

A disciplina tem por objetivos compreender a função social da Universidade Pública e da Extensão Universitária; o significado da Extensão Universitária em sua articulação com o Ensino e a Pesquisa, as suas implicações no processo de formação acadêmico-profissional e de transformação social e a importância das abordagens multi e interdisciplinar.

FUNDAMENTOS E METODOLOGIA DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Um curso de metodologia para extensão universitária deve prioritariamente recuperar a história da extensão no mundo, destacando especialmente as características iniciais da filantropia e destacando como, nas últimas décadas, o

Brasil vem desenvolvendo seus trabalhos. Ademais precisa explicitar o corpo teórico e as metodologias empregadas, destacando as mais clássicas, já incorporadas no cotidiano da extensão universitária, quais sejam ação participativa (Brandão), a pesquisa – ação (Thiollent), a teoria da práxis (Paulo Freire) e as técnicas desenvolvidas pelo teatro do oprimido (Boal).

É fundamental também que se recupere também sua história no Brasil, as características e dilemas de forma que se demonstre o processo de crescimento das práticas extensionistas, que não se dão de forma linear, mas sim como processos altamente qualificados.

Na Unesp especificamente seria importante resgatar as condições de seu surgimento, a implantação da pro reitoria, o perfil e as ações de seus pró-reitores, as realizações (congressos, convênios, revista etc), a formação do corpo técnico, o orçamento anual e sua execução, as áreas de ação (análise de projetos). Da mesma forma, destacar as unidades universitárias que se envolvem quanti e qualitativamente com a extensão, os projetos institucionais, seus modelos de avaliação empregados e as metodologias utilizadas. Outro enfoque importante se refere aos recursos destinados e por fim, a composição, perfil dos participantes e atas das Câmaras de extensão universitária.

Elemento fundamental a ser trabalhado é o perfil dos docentes, servidores e alunos extensionistas, verificando suas áreas de atuação (docentes e discentes), o quantitativo envolvido, a visão de extensão que prevalece entre eles e as críticas e sugestões à ação/modelo da Unesp. No que se refere ao perfil do corpo técnico: reitoria e nas Unidades Universitárias, a formação, a visão de extensão e as contribuições efetivas muito importam para a caracterização da extensão nesta universidade.

Outro ponto interessante e não menos importante se assenta no perfil das vice diretorias, em relação as suas atribuições e suas ações efetivas voltadas à extensão. De que forma as Câmaras Permanentes de Extensão Universitária estão compostas, quais as atribuições e seus modelos de atuação (entre as diferentes Unidades). Finalmente a legislação (estatuto, portarias e resoluções) e formulários e critérios complementam o perfil, a importância e as contribuições da extensão da Unesp. Desta forma poderíamos efetivamente analisar as experiências mais significativas (caráter político) de intervenção concreta e transformação do modo de vida de comunidades, as contribuições técnicas e o potencial de interferência na sociedade, contribuindo com a superação de problemas.

Referências bibliográficas

BROSE, Markus (org). Metodologia participativa. Uma introdução a 29 instrumentos. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2001. Editora UNB. 2001.

FARIA, Doris Santos de (org). Construção Conceitual da Extensão na América Latina. Brasília.

FREIRE, Paulo. Educação como Prática da Liberdade. 30a Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2007

FREIRE, Paulo. Educação e Mudança. 9a edição. Rio de Janeiro; Paz e Terra. 1983

FREIRE, Paulo. Extensão ou Comunicação. 13a Edição. São Paulo: Paz e Terra. 2006

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. 34a edição. São Paulo: Paz e Terra, 2006

GRAMSCI, A. Concepção dialética da história. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

PROEX – UNESP. *Guia da Extensão Universitária da UNESP*. 2ª Ed. São Paulo: UNESP, Proex, 2007. 95p.

PROEX – UNESP. *Perfil da Extensão Universitária da UNESP*. 2ª Ed. rev. e ampl. – São Paulo: UNESP, Proex, 2008. 108p.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Pela mão de Alice. O Social e o político na Pós-Modernidade. São Paulo: Cortez, 1996.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Universidade do Século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade. São Paulo: Cortez, 2004.

SANTOS, Boaventura de Sousa, ALMEIDA FILHO, Naomar de. A Universidade no Século XXI: Para uma Universidade Nova. Coimbra, Outubro 2008

SERRANO, Rossana Maria Souto Maior. Conceitos de extensão universitária: um diálogo com Paulo Freire. IN: http://www.prac.ufpb.br/copac/extelar/atividades/discussao/artigos/conceitos_de_extensao_universitaria.pdf. Consulta em abril 2011.

THIOLLENT. Michel, ARAÚJO FILHO, Targino de, SOARES, Rosa Leonôra Salerno. (coord.) Metodologia e experiências em projetos de extensão. Niterói-RJ: EDUFF, 2000.